

---

## RESENHA

*RAMA, Angel. A cidade das letras.  
São Paulo, Boitempo, 2015.*

---

Maurício Silva<sup>76</sup>

Obra que aborda a cidade latino-americana em sua constituição, dentro de um esquema mental da colonização e, posteriormente, da independência do continente, *A cidade das letras*, de Ángel Rama, inicia-se com a afirmação de que, do século XVI ao XX, a cidade latino-americana tem sido basicamente “um parto da inteligência” (p. 21), tornando-se “um sonho de uma ordem” (p. 21), incarnado no continente da América Latina. Assim, os próprios colonizadores se viram, desde o início, às voltas com uma “consciência racionalizadora” (p. 21), que moldava o espaço e os homens que nele viviam, instituindo uma “forma planificada” (p. 21). Assim, ao chegar ao novo continente, o colonizador adentrava uma nova realidade (dominada pelo capitalismo expansivo e ecumênico), distante daquela realidade medieval na qual fora criado, uma realidade que se inicia no século XVI e se aperfeiçoa nos seguintes (em que predominavam as monarquias absolutistas), época marcada pela disciplina e pela hierarquia. A cidade foi o principal elemento de inserção nessa nova realidade cultural, dando origem ao secular modelo urbano da cidade barroca. No novo continente, os colonizadores instituíam “modelos ideias [de cidades] concebidos pela inteligência” (p. 23). Em suma:

---

<sup>76</sup> Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo; Pesquisador do Instituto de Pesquisas Linguísticas Sedes Sapientiae para Estudos de Português (PUC-SP); Professor da Universidade Nove de Julho.

“surgem essas cidades ideais da imensa extensão americana, que passam a ser regidas por uma razão ordenadora, revelada por sua vez em uma ordem social hierárquica transposta para uma ordem distributiva geométrica. Não é a sociedade, mas sua forma organizada que é transposta; e não à cidade, mas à sua forma distributiva. O exercício do pensamento analógico se disciplinava para que funcionasse validamente entre entidades do mesmo gênero. Não vincula, então, sociedade e cultura, mas suas respectivas formas, que são percebidas como equivalentes, permitindo que leiamos a sociedade ao ler o mapa de uma cidade” (p. 24). Assim, a palavra-chave desse sistema era ordem, conceito estabelecido antes mesmo de a cidade existir e que se traduzia em representações simbólicas, como a palavra – desse modo, a ordem física se subordina à ordem dos signos: “antes de ser uma realidade de ruas, casas e praças, que só podem existir (e ainda assim gradualmente) no transcurso do tempo histórico, as cidades emergiam já completas por um parto da inteligência nas normas que as teorizavam, nos atos fundacionais que as estatuíam, nos planejamentos que as desenhavam idealmente” (p. 29).

As cidades americanas, portanto, foram a concretização de uma cultura barroca que teve expressão maior na monarquia espanhola e em que prevaleceu a ideia de imposição da civilização sobre a barbárie, predominante até pelo menos o século XIX (por exemplo, com Facundo, de 1845), num autêntico “esforço de transculturação” (p. 33), a partir da Europa.

A cidade barroca torna-se, assim, a sede administrativa da ordem colonizadora, dentro da qual instala-se uma outra cidade, a que se pode chamar de cidade letrada, compondo “o anel protetor do poder e o executor de suas ordens” (p. 38), composta por religiosos, administradores, educadores, escritores etc., responsáveis pela burocracia oficial, desempenhando funções sociais, ocupando cargos públicos e institucionalizando-se como uma espécie de “poder autônomo dentro das instituições do poder a que pertenceram” (p. 42). Trata-se de um grupo, o grupo letrado, cuja supremacia se deveu a diversos fatores: ao fato de se constituírem como um grupo urbano, agindo dentro de uma estrutura cidadina; ao fato de dominarem os instrumentos de comunicação social; ao fato de serem os únicos a possuírem um conhecimento letrado, numa sociedade analfabeta, sacralizando-o “dentro da tendência gramaticológica constituinte da cultura europeia” (p. 44).

Segundo o autor, é pela ordem dos signos que a cidade letrada estabeleceu sua relação com o poder, com sua série de operações letradas (leis, regulamentos, proclamações etc.) que resultaram na distância entre a letra escrita e a palavra falada, fazendo dela uma cidade escriturária. Toda uma estrutura – que incluía as universidades – foi construída para dar suporte a essa nova realidade, levando à sacralização da escritura, além de dar um lugar de destaque a seus burocratas (escrivães, advogados etc.), responsáveis pelos documentos que instauravam o poder. Outro resultado disso foi a constituição, na realidade latino-americana, de uma espécie de diglosia: de um lado, a linguagem pública, impregnada pela norma cortesã proveniente da metrópole; de outro, a linguagem popular, utilizada na vida familiar e social, em geral de estratos sociais baixos: “com efeito, a fala cortesã se opôs sempre ao alvoroço, à informalidade, à torpeza e à invenção incessante da fala popular, cuja liberdade foi identificada com corrupção, ignorância, barbarismo” (p. 51).

Essa realidade adquire um feitiço um tanto distinto – embora não muito distante do que se vira até então – do passado, com a modernização da sociedade latino-americana e o surgimento da cidade modernizada, com sua visão idealizada dos intelectuais e levando a letra à condição de elemento propulsor da ascensão social. Nessa nova realidade, algumas instituições, em particular, se beneficiaram das “ampliações letradas da modernização” (p. 75), como a imprensa, a universidade ou as academias de letras. É em razão da escritura durante o predomínio da cidade modernizada que a oralidade (majoritariamente vinculada ao meio rural) começa a definhir.

Já no século XX, a cidade se politiza cada vez mais e, ao mesmo tempo, torna-se espaço para revoluções de toda ordem (cidade revolucionada), instaurando-se uma espécie de democracia latino-americana, assentada na educação popular e no nacionalismo, quando então o intelectual começa a se tornar um correligionário.

Membro ilustre de uma tradição que buscou pensar a América Latina na segunda metade do século XX – ao lado de nomes como Henríques Ureña, Emír Rodríguez Monegal, Octávio Paz, Antonio Cándido e muitos outros – Ángel Rama teve sua célebre obra *A cidade das letras* publicada postumamente, em 1983. Republicado em nova e apurada tradução, seu livro

confirma, mais uma vez, sua posição como uma das mais originais leituras acerca da cidade latino-americana.

Recebido em 06/06/2017.

Aceito em 30/06/2017.